

## **FEMINISMOS: PLURALIDADE PRESENTE EM UM CAMPO DE DISPUTA DA MARCHA DAS VADIAS DE PORTO ALEGRE**

Daniela Dalbosco Dell'Aglio<sup>1</sup>; Paula Sandrine Machado<sup>2</sup>

*<sup>1</sup>Mestre e Doutoranda em Psicologia Social e Institucional - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – danieladellaglio@gmail.com*

*<sup>2</sup>Doutora em Antropologia Social, Professora adjunta do Departamento de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – machadops@gmail.com*

*EDIS: Feminismos, Transfeminismos e Teorias de Gênero*

**Resumo:** Esse trabalho é um recorte de uma dissertação de mestrado que partiu de tensões na construção da Marcha das Vadias de Porto Alegre de 2014. Trata-se de um trabalho etnográfico, em que sete pessoas presentes no contexto foram entrevistadas. Serão apresentadas, aqui, nomenclaturas dos feminismos que se encontraram presentes no campo: Feminismo Marxista, Feminismo Interseccional, Feminismo Emancipacionista, Anarca-feminismo, Feminismo Negro, Transfeminismo e Feminismo Radical. A partir da fala das pessoas entrevistadas, somadas a uma pesquisa no meio virtual e na literatura, serão descritas essas diferentes identidades associadas aos feminismos. Compreende-se, ainda, que cada pessoa pode ressignificar, a partir de sua vivência, o que o termo expressa. Dessa forma, pretende-se ilustrar os feminismos que compuseram o campo para que seja possível visibilizar diferentes perspectivas que compuseram a “treta”.

**Palavras-chave:** feminismos, marcha das vadias, interseccionalidade, identidade feminista, sujeito dos feminismos.

### **1. CAMPO DE DISPUTA DA MARCHA DAS VADIAS**

Esse trabalho é um recorte de uma dissertação de mestrado que partiu de tensões e disputas na construção da Marcha das Vadias de Porto Alegre de 2014. Naquele ano, a Marcha se dividiu em dois caminhos, evidenciando que não se estava pautando uma unidade feminista. Em um primeiro momento, enquanto pesquisadora, analisei de maneira binária essa separação, entendendo que havia, portanto, “dois feminismos” em disputa naquele momento. Ao iniciar o trabalho etnográfico, me inserindo no campo de maneira empática, pude perceber que havia uma diversidade muito maior de identificações feministas. Dessa forma, as entrevistas com sete personagens - Jéssica, Marta, Renata, Bianca, Anita, Marcos e Carol - que estiveram presentes nesse contexto foram fundamentais para compreender tal complexidade.

Aqui, irei apresentar as nomenclaturas dos feminismos que se encontram presentes no campo – as identidades que as pessoas entrevistadas se autoatribuem: Feminismo

Marxista, Feminismo Interseccional, Feminismo Emancipacionista, Anarca-feminismo, Feminismo Negro, Transfeminismo, Feminismo Radical. A partir da fala das pessoas entrevistadas, somadas a uma pesquisa no meio virtual e na literatura, busco descrever essas diferentes identidades associadas aos feminismos. Não busco aqui indicar que essas nomenclaturas se limitam ao que está apresentado, uma vez que cada pessoa pode ressignificar, a partir de sua vivência, o que um termo expressa.

## **2. FEMINISMOS PRESENTES NO CAMPO**

### **2.1. Feminismo Marxista**

É possível encontrar bibliografia sobre a temática do feminismo marxista, trazido pela interlocutora Jéssica - mulher, branca, bissexual, mãe - em blogs sobre o marxismo com textos longos e teóricos, além de artigos científicos. Essa característica está atrelada ao motivo pelo qual Jéssica se identifica com o feminismo marxista, mas reivindica na “treta” o lugar de feminista radical. Segundo ela, em muitos contextos, falar que é feminista marxista pode não significar nada, não só pela pluralidade que essa temática tem, mas por não ser uma nomenclatura que dialoga com feministas jovens.

O feminismo marxista, no Brasil, ganhou corpo com influências vindas do exterior, principalmente em relação a autoras da segunda onda do feminismo e está articulado a organizações marxistas. No momento da ditadura militar, foi um grupo comprometido com a oposição ao regime, mas ainda assim era rechaçado pela esquerda, uma vez que era um movimento visto enquanto intelectualizado em relação à discussão da luta pela superação das classes. O feminismo marxista faz justamente a crítica em relação à ideia de que bastaria a eliminação das classes, uma vez que entende que isso não traria emancipação às mulheres (RODRIGUES, 2010).

A autora Rodrigues (2010) pontua a necessidade de serem trabalhadas as questões de gênero em conjunto com as questões de classe. Isso indicaria que há materialidade na superestrutura. O feminismo marxista se associa, portanto, as contribuições do materialismo-histórico para a formulação de uma crítica radical ao sistema capitalista que conduza à emancipação feminina. A teoria materialista-histórica tem uma formulação também em relação à nomenclatura “gênero” e “mulher” também se diferenciam por si só de outras teorias. Isso porque o significado de ser mulher está vinculado ao papel em relação à exploração do trabalho. Por isso, ser mulher acaba se

associando às questões consideradas materiais que levam a serem donas de casa e mães de família.

## **2.2. Feminismo Interseccional**

A nomenclatura Feminismo Interseccional, trazido pela interlocutora Marta - mulher, cis, branca, lésbica - por mais que pareça um tanto quanto rebuscada, ganhou popularidade nos meios virtuais. Na internet, é possível encontrar blogs com textos explicativos e didáticos logo na primeira página do site de busca. Mesmo existindo uma influência forte acadêmica nesse termo, percebe-se que ganhou visibilidade em debates envolvendo pessoas negras e trans, uma vez que esse feminismo abre espaço para ressignificar o sujeito do feminismo.

Crenshaw (2004), pesquisadora norte-americana, é conhecida como a primeira teórica a apresentar uma teoria sociológica sobre a interseccionalidade, a partir dos marcadores de raça e gênero, em 1989. Esse termo sugere que nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com dimensões sobrepostas. Para Brah e Phoenix (2004) o conceito de interseccionalidade significa poder dar visibilidade aos efeitos variados os quais os múltiplos eixos de diferenciação se intersectam em contexto historicamente específicos. Dessa forma, o significado de “mulher”, dentro do debate do feminismo interseccional, deve ser levado em conta fatores econômicos, políticos, culturais, físicos, subjetivos e de experiência. Marta, que se coloca publicamente enquanto feminista interseccional, explica que busca não se limitar a uma classificação, mas entende que por ser uma mulher, branca, cisgênera, lésbica, essas características significam sua localidade dentro dos privilégios sociais que a ocupam enquanto sujeito.

## **2.3. Feminismo Emancipacionista**

Feminismo emancipacionista, categoria relatada pela entrevistada Renata - mulher, cis, parda, bissexual, mãe - é um termo pouco utilizado no meio acadêmico. É possível encontrar mais informações e identificações com essa nomenclatura dentro de partidos políticos e movimentos sociais de esquerda que tem o socialismo como base de projeto político.

O feminismo emancipacionista teria tido origem no século XIX, na Inglaterra, e seu surgimento estaria associado às contradições que permeavam a sociedade liberal da

época, onde as leis em vigor formalizavam juridicamente as diferenças entre os sexos masculino e feminino. Nesse momento, os escritos do pensador inglês Stuart Mill ganharam destaque ao propor o princípio geral de emancipação das mulheres. Para isso, seria necessário a abolição das desigualdades no núcleo familiar, a admissão das mulheres em todos os postos de trabalho e a oferta de instrução educacional do mesmo nível que estava ao alcance dos homens (CANCIAN, 2008).

Em texto do blog da UJS, escrito por Paulo Vinícius Silva (2013), é possível perceber duas características que envolvem essa corrente teórica: uma, é a ideia de que seria um movimento liderado por uma geração mais avançada, não sendo um movimento jovem, e, a segunda característica, em relação à participação de homens. Renata acredita que essa característica, de ser um movimento que recebe a participação dos homens, acaba caracterizando um papel de “mediadora”, assim como o diálogo com profissionais do sexo e com pessoas trans.

#### **2.4. Anarca-feminismo**

Em um primeiro momento, ao pesquisar virtualmente a respeito de feminismo anarquista ou anarca-feminismo, é possível encontrar textos que se referem ao fim do patriarcado, que fazem referências a mulheres anarquistas como Maria Lacerda de Moura e Emma Goldman, ao mesmo tempo em que apontam a desigualdade que existe entre os sexos “homens e mulheres” (BOLEVARI, 1995; LUANA e DIAS, 2007). Na contemporaneidade, o anarquismo tem aparecido com outras caras. O que chamamos de *queer* se aproxima, principalmente nos Estados Unidos, a uma cultura anarquista (DARING, ROGUE, VOLCANO e SHANNON, 2012). O *queer* questiona a noção de patriarcado para pensar no sistema sexo/gênero que, justamente, cria e constrói os papéis binários de ser homem e ser mulher, aqueles afirmados pelas referências anarca-feministas citadas anteriormente.

Para Bianca - mulher, cis, branca - nossa interlocutora, o feminismo anarquista ou anarca-feminismo sustenta os princípios anarquistas dentro da luta feminista, como autonomia, horizontalidade e ação direta. O anarca-feminismo seria, a partir desse ponto de vista, mais uma estratégia de luta política, que envolvem alguns princípios, mais do que um “referencial teórico” acadêmico, mesmo havendo uma retroalimentação

constante de autoras e autores que tem afirmado um lugar de anarquismo dentro da academia.

## **2.5. Feminismo Negro**

A nomenclatura “feminismo negro” é possível encontrar em diferentes campos do conhecimento. Tem sido mais comum, a partir de pesquisas na internet que refletem um feminismo jovem, encontrar o feminismo negro associado ao feminismo interseccional, como no site “blogueiras negras”. Anita - mulher, cis, negra - que se auto-identifica enquanto feminista negra e interseccional, aponta que chama de feminismo negro devido a sua identidade com a negritude.

A afirmação da categoria “feminismo negro” tem uma importância que se relaciona com o rompimento de um discurso dominante, o feminismo das mulheres brancas, as quais, segundo bell hooks (2015) são a maioria que formulam a teoria feminista. Hooks (2015) aponta que o fato das mulheres negras não se organizarem coletivamente em torno da questão do “feminismo” existe devido a muitas nem conhecerem esse termo, de não terem tido acesso ao mecanismo de poder que permitem que possam compartilhar as análises ou teorias sobre gênero. Essa pensamento de hooks (2015) corrobora com a fala de Anita na entrevista, que aponta que muita de suas amigas negras não se consideram feministas por entenderem que esse conceito está muito atravessado ao universo branco. Ainda assim, hooks reforça a importância e a permanência de um feminismo negro: “É essencial para a continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e vislumbrar e criar uma contrahegemonia” (HOOKS, 2015).

## **2.6. Transfeminismo**

O Transfeminismo, trazido por Marcos - homem, trans, branco, gay - surge voltada às questões das pessoas trans que, frustradas com a falta de visibilidade e até mesmo exclusão dentro do movimento feminista, se organizam em prol de sua autonomia frente à estrutura que invisibiliza e marginaliza essa população (ALVES, 2015). Essa estrutura se relaciona com a concepção estatal e social de que o sexo determina o gênero, o que se

reverbera nos registros civis de forma geral o que incorre em sofrimento e negação de direitos (JESUS e ALVES, 2012).

Marcos, que se considera transfeminista, fala a respeito da sua participação enquanto homem trans. Ele entende que isso pode criar um paradoxo uma vez que sua participação está atravessada a uma vivência anterior – de ser reconhecido socialmente enquanto mulher – e uma vivência atual, que está cada vez mais distante desse reconhecimento. Marcos não enxerga a mesma complexidade ao ver as mulheres trans reivindicando o espaço no feminismo, uma vez que são mulheres e isso bastaria para terem sua identidade reconhecida. Porém, enxerga uma complexidade dentro da participação do homem trans, pois considera importante que ele possa levar ideias do feminismo para os espaços em que ocupa hoje, que são espaços mais masculinos. Admite não ser uma tarefa fácil, sendo homem, principalmente sendo homem trans, por não ser considerado um “homem legítimo”.

## **2.7. Feminismo Radical**

O feminismo radical, trazido por Carol - mulher, cis, heterossexual, mãe - ganhou uma popularidade no Brasil no debate que envolve as disputas dos feminismos, especialmente nos meios virtuais. É possível observar uma influência norte-americana em muitos textos e vídeos que aparecem dentro desse debate. Larissa de Luna (2015) em texto em blog que busca explicar o que é o feminismo radical, caracteriza-o diferenciando do “feminismo liberal”. O mesmo é feito em um vídeo que foi muito compartilhado nas redes virtuais, “The End of Gender: Revolution, Not Reform”. Para de Luna (2015), radical significa aquilo que é relativo à raiz, à origem ou ao fundamento, não a algo extremo como as pessoas costumam pensar. A raiz a qual o feminismo radical estaria lutando contra é o patriarcado.

De Luna (2015) aponta que o feminismo radical é materialista, o que significa que enxerga que a causa da opressão de gênero não existe em função da socialização apenas, mas que a socialização existe em função da materialidade do corpo, que coloca as mulheres numa posição de maternidade e de reprodução como práticas compulsórias. Esse debate acaba sendo polêmico, uma vez que esse argumento pode ser utilizado para apontar que mulheres trans não são mulheres. Outra característica do feminismo radical é de que ele é abolicionista em relação a questões como a pornografia e a prostituição.

Isso faz com que as feministas radicais se posicionem contra essas temáticas, pautando a necessidade de seu fim.

### Referências

- ALVES, Hailey. O Que É Transfeminismo? Uma Breve Introdução. 2015. Disponível em: <http://transfeminismo.com/o-que-e-transfeminismo-uma-breveintroducao/> . Acesso em 16 fev 2016.
- BOLEVARI, Valéria. E As Anarco-Feministas O Que São?. 1995. Disponível em: <<https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/15anarcofeministas.htm>>. Acesso em: 08 fev 2016
- BRAH, Avtar e PHOENIX, Ann. Ain't I A Woman? Revisiting Intersectionality. *Journal of International Women's Studies*, v.5, n.3, p.75-86, 2004
- CANCIAN, Renato. Feminismo: Movimento surgiu na Revolução Francesa, 2008. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/feminismomovimento-surgiu-na-revolucao-francesa.htm>. Acesso em: 8 fev 2016.
- CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero. 2002. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>> Acesso em: 05 de fev de 2016. Cruzamento: raça e gênero. UNIFEM, 2004
- DARING, C. B., ROGUE, J, VOLCANO, A. e SHANNON, D. “Introduction: Queer Meet Anarchism, Anarchism Meet Queer”. In C. B. Daring, J. Rogue, D. Shannon, A. Volcano (eds) (2012), *Queering Anarchism: Essays on Gender, Power, and Desire*. AK Press: Oakland, Edinburgh, Baltimore, pp.5-18, 2012.
- DE LUNA, Larissa. O que, afinal, é o feminismo radical?. 2015. Disponível em: <https://radicaliza.wordpress.com/2015/02/07/o-que-afinal-e-o-feminismo-radical/>. Acesso em: 10 fev 2016.
- HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n.16, p.193-210, 2015.
- JESUS, Jaqueline Gomes e ALVES, Hailey. Feminismo Transgênero e Movimentos de Mulheres Transexuais. *Cronos*, v.11, n.2, p.8-19, 2012

LUANA, Vanessa e DIAS, Mabel. Considerações Sobre o AnarcoFeminismo. 2007. Disponível em:  
<<http://pulkanarcho.webnode.com.br/zines/considera%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20o%20anarcofeminismo/>>. Acesso em 08 fev 2016.

RODRIGUES, Vivianne Oliveira. Feminismo e marxismo, um diálogo (im)possível? Análise diálogo (im)possível? Análise das revistas Crítica Marxista e Cadernos Pagu. Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina, Londrina, UEL. 2010.

SILVA, Paulo Vinícius. O sindicalismo classista, o feminismo emancipacionista e as jovens mulheres. 2013. Disponível em:  
<<http://ujs.org.br/index.php/noticias/osindicalismo-classista-o-feminismo-emancipacionista-e-as-jovens-mulheres/>>. Acesso em 07 fev 2016.